

PATACOADA

Albeni Carmo de Oliveira

Já fui piazote metido
 Fui alçado do rabicho;
 Me criei pelos bolichos
 Ouvindo e contando lorota.
 E quando eu saía da gruta
 Disposto a fazer arruaça,
 Sempre meia de cachaça
 Ia no cano da bota.

E foi num fim-de-semana
 Não me lembro bem o ano;
 Que este gaudério e "andejano"
 Se meteu numa enrascada,
 Só por soltar patacoada
 E querer bancar o alçado,
 Quase que fico enterrado
 No fundo de uma invernada...

Era sábado, escurecia
 E eu piazito e pachola,
 Para a vida não dava bola
 E só queria gauderiar.
 Em tudo eu ia me enfiar
 Sem mesmo ser convidado;
 E em bailes bem largados
 É que eu gostava de dançar.

Preparei o meu cavalo
 Pilchas, revólver e facão,
 E saí pelo rincão
 Procurando algum fandango.
 Mas louco para passar o mango
 Em algum coitado qualquer,
 Que por ventura quisesse
 Tirar penas deste frango.

Vejam só como é a vida
 Quem procura sempre acha;
 Ainda mais quando a cachaça
 Faz parte do entrevero.
 Pois eu achei um parceiro
 E meti-me numa fria;

Mas aprendi naquele dia
 A não ser mais patacoeiro.

Depois de bebermos juntos
 Duas guampas bem lotadas
 Saímos pela estrada
 Com o sangue já bem quente;
 Quando ouvimos pela frente
 Ronco de gaita e violão
 E um rancho de beira-chão
 Atopetado de gente...

Para quem já vinha embalado
 Aquilo era uma beleza,
 Pois eu digo com certeza
 Quem se criou lá p'ra fora,
 Não esqueceu até agora
 Nos bailes de chão batido.
 Onde quem é exibido
 Já entra arrastando a espora.

Combinamos de abusar
 Deixamos os pingos pastando;
 E para porta fui chegando
 E já soltei a patacoada.
 Perguntei: - quanto é a entrada
 P'ra se dançar neste bochincho?
 E já ouvi o cochicho
 Na boca da mulherada!

O porteiro respondeu
 Já comprando minha vasa:
 "-Bochincho é na tua casa
 Tu ta gambá, vai dormir,
 Se não quiser engolir
 Minha mão com dedo e tudo!"
 E eu frangote e topetudo
 Nunca pensei em sair.

Arranquei do meu facão
 E gritei bem debochado:
 -Me pula, me faz um costado,

E o índio se atracou;
 A primeira ele errou
 Mas na segunda me perdi,
 E lhes juro que não vi
 Quando a indiada nos cercou.

Lá fresca que tempo feio
 Este que eu me meti.
 Estava pior que bem-te-vi
 Em dia de vento Norte,
 Sentia chegar a morte
 Pois já estava cansado,
 Com o corpo ensanguentado
 E não morri por pura sorte!

Mas quando vi uma brecha
 E o parceiro que corria,
 Pensei: - não é covardia,
 Montei no pingo e parti.
 O parceiro nunca mais vi
 Dizem que ficou marcado
 Mas hoje está velho e cansado;
 Para os lados de Cacequi!...

Pois apanhamos daquela feita
 Pior que porco roceiro;
 E não te nego companheiro,
 Me escapei foi por um triz.
 Mas nunca mais meti o nariz
 Aonde não sou chamado,
 Deixei de ser um alçado
 E hoje sou mais feliz.

Eu nunca mais me passei
 Em bailes tomando trago.
 Hoje eu só tomo um amargo
 Com a china que me quer bem;
 E até subir para o além
 Recomendo à rapaziada:
 -Trago, briga e patacoada
 Não traz lucro p'ra ninguém!...